

PODER, RAZÃO E RELIGIÃO EM *O ALIENISTA*

[POWER, REASON AND RELIGION IN THE *THE ALIENIST*]

José Francisco de Assis Dias *
Daniela Valentini **

RESUMO: O presente artigo tem como tema a relação entre o “poder”, a “razão” e a “religião” em *O alienista*, um dos textos centrais de Machado de Assis, escrito em 1881 e publicado, inicialmente, em onze capítulos, entre outubro de 1881 a março de 1882. Pretende-se identificar e analisar as relações de poder entre o Estado (“Trono”) e a Igreja Católica (“Altar”); bem como evidenciar as relações entre a “razão” (ciência) e a sua “ausência” (loucura); sem negligenciar as denúncias e críticas machadianas ao cientificismo imperante no século XIX. Para tanto, em um primeiro momento, apresenta-se, mesmo se sumariamente, o Autor e o Conto; em um segundo momento, lançando luzes sobre seu “espaço”, “tempo” e “ação”; preparando-se, assim, para o terceiro momento, onde é apresentado, resumidamente, o seu enredo, necessário pressuposto para o último momento, onde serão analisados o “Poder”, a “Razão” e a “Religião”. A presente pesquisa se justifica pela relevância do Autor, pelo lugar que *O alienista* ocupa no conjunto de suas obras, bem como pela relevância social das suas irônicas críticas. Nesta análise, foi utilizado um método bibliográfico de leitura crítico-analítica do Conto, valendo-se também das interpretações de alguns estudiosos, elencados nas *Referências*.

PALAVRAS-CHAVE: Poder e Estado. Razão e poder. *O alienista*. Machado de Assis.

ABSTRACT: This article has as its theme the relationship between "power", "reason" and "religion" in *O alienista*, one of the central texts of Machado de Assis, written in 1881 and initially published in eleven chapters, between October 1881 and March 1882. It is intended to identify and analyze the power relations between the State ("Throne") and the Catholic Church ("Altar"); as well as to highlight the relations between "reason" (science) and its "absence" (madness); without neglecting the Machadian denunciations and criticisms of scientism prevailing in the nineteenth century. To do so, at first, it is presented, even if summarily, the Author and the Tale; in a second moment, shedding lights on its "space", "time" and "action" its plot, necessary assumption for the last moment, where the "Power", "Reason" and "Religion" will be analyzed. This research is justified by the relevance of the author, the place that the alienist occupies in the set of his works, as well as the social relevance of his ironic criticisms. In this analysis, a bibliographic method of critical-analytical reading of the Tale was used, using also the interpretations of some scholars, listed in the References.

KEYWORDS: Power and State. Reason and power. The alienist. Machado de Assis.

* *Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana, Cidade do Vaticano, Roma, Itália (2008). Professor Adjunto "D" da UNIOESTE, no Campus de Toledo-PR, onde foi Coordenador do curso de Licenciatura em Filosofia (de 15-12-2017 a 14-12-2021); Líder do grupo de pesquisa CRISIS da UNIOESTE, CCHS - Campus de Toledo-PR; Estágio pós-doutoral em Ciências Sociais na UNESP, 2022 (Campus de Marília-SP), projeto n° 3761. E-mail: prof.dias.br@gmail.com. ** Centro de Línguas da Unioeste, Campus de Toledo-PR. E-mail: danyval@hotmail.it*

INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, trabalhamos a relação entre o “poder”, a “razão” e a “religião”, em *O alienista*, que é um dos textos mais centrais na obra de Machado de Assis; escrito em 1881, inicialmente, foi publicado em onze capítulos, entre outubro de 1881 a março de 1882; no final deste ano, foi novamente publicado como “conto introdutório” da obra *Papéis avulsos*, na sua estrutura atual com treze capítulos.

Pretende-se, aqui, identificar e analisar as relações de poder, entre o Estado (“Trono”), em *O alienista*, representado pela Câmara dos Vereadores de Itaguaí, e a Igreja Católica (“Altar”), representada pelo personagem Padre Lopes; bem como evidenciar as relações entre a “Razão” (Ciência), personificada pelo protagonista Dr. Simão Bacamarte e o “Poder”, abrindo para o debate sobre a ausência de racionalidade – a loucura; sem negligenciar as denúncias e críticas machadianas ao cientificismo imperante no século XIX.

Para realizarmos nosso objetivo geral, em um primeiro momento, mesmo se sumariamente, apresenta-se o “Autor e o Conto”, lançando luzes sobre seu “espaço” e “tempo”; preparando-se, assim, para o segundo momento, onde é apresentado, resumidamente, o enredo do Conto, necessário pressuposto para o último momento, onde serão analisados o “Poder”, a “Razão” e a “Religião”.

A presente pesquisa encontra sua justificativa na relevância literária do Autor, Machado de Assis, pelo lugar que *O alienista* ocupa no conjunto de suas obras, bem como pela relevância social das suas irônicas críticas. Nessa análise, foi utilizado um método bibliográfico de leitura crítico-analítica do Conto, valendo-nos das interpretações de alguns eminentes estudiosos, tais como Ivan Teixeira, Alfredo Bosi e outros.

1 O AUTOR E SUA OBRA

Joaquim Maria Machado de Assis, universalmente conhecido simplesmente como Machado de Assis, foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo; nascido no Rio de Janeiro - RJ, em 21 de junho de 1839, faleceu em 29 de setembro de 1908, também no Rio de Janeiro. É o fundador da cadeira nº. 23 da *Academia Brasileira de Letras*. Por mais de dez anos, foi presidente da *Academia*, que passou a ser chamada também de *Casa de Machado de Assis*.

Segundo a *Academia Brasileira de Letras*¹, a obra literária de Machado de Assis abrange todos os gêneros: em poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875), e o parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, publicava também as coletâneas de *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o maior escritor das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

Em oposição ao *Ultrarromantismo*, em meados do século XIX, surge o Realismo, tendo como marco inicial o romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, 1857 (SILVA, 2014, p. 14). Nesta fase estética o cientificismo suplantara o

“subjetivismo” da fase anterior, agora os fenômenos naturais e a própria existência, tinham uma explicação científica. Simultaneamente às grandes descobertas no campo das ciências exatas e biológicas, surgem novas teorias filosóficas, marcadamente materialistas, interpretando o mundo a partir da observação: o Positivismo, baseado em fatos e na experiência concreta, é dominante. Materialismo, determinismo e objetivismo compõem o perfil da estética literária realista. Os escritores demonstram compromisso maior com sua época, os personagens são cada vez mais reais; fortemente determinados pelo meio ambiente social e natural (SILVA, 2014, p. 15). Como Bosi explica, no Brasil

[...] a partir da extinção do tráfico (negreiro), em 1850, acelerara-se a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul (graças ao crescimento das lavouras e do comércio cafeeiro) e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas. (BOSI, 1994, p. 163).

Silva observa que o evolucionismo de Darwin e o Positivismo de Comte, marcaram a produção intelectual no período nacional. Machado de Assis demonstrou maturidade estética ao se posicionar em relação ao Romantismo do qual fora adepto, na primeira fase de sua produção, e o Realismo, que marcava a produção literária a partir de meados do século XIX. De fato, ele não rejeitava nenhuma das duas estéticas, mas igualmente não se considerava adepto de nenhuma delas: “Ao contrário da maioria dos escritores ligados ao Realismo brasileiro, que seguiam os exemplos do Realismo francês, Machado de Assis tinha como mestres escritores de língua inglesa: Shakespeare, Laurence Sterne e Jonathan Swift” (SILVA, 2014, p. 16)

Além de divertido, *O alienista* é um dos textos centrais na obra de Machado; é chave para adentrar à sua obra. Tendo sido escrito em 1881, inicialmente foi publicado em 11 capítulos, de outubro de 1881 a março de 1882, na revista de moda *A Estação*. No final de 1882, foi publicado como conto introdutório na coletânea *Papéis avulsos*, acompanhado de *Teoria do medalhão* e *O espelho*. Gledson observa que *O alienista*, com seus personagens cômicos, seus episódios e suas frases memoráveis, é obra-prima machadiana, difícil de categorizar: será um conto ou uma novela? (GLEDSON, 2014, p. 8). Gomes observa que estas datas nos colocam em um século marcadamente cientificista e, no Brasil, “estão no ar os ideais republicanos e o positivismo são um caldo no qual todos parecem imersos. Nem todos, é claro. Machado não está entre eles: o olhar cético não o abandona” (GOMES, 1993, p. 147-146).

O alienista pertence ao início da fase realista de Machado de Assis, com características que marcarão os seus escritos posteriores: por exemplo, a análise psicológica e a crítica social. Silva observa que trata-se de um texto ímpar na obra de Machado, oscilando entre o conto e a novela, o que nunca mais se repetiu em outro escrito do Autor: “A temática da loucura, que já havia aparecido anteriormente em sua obra, descrita a partir de uma visão mais romantizada de mundo, recebe agora um tratamento totalmente inovador” (SILVA, 2014, p. 2). Machado apresenta hipóteses sobre a formação do sujeito, as razões que o animam, seus interesses e “como é atingido pelas questões que estavam em discussão” (SILVA, 2014, p. 2) na segunda metade do século XIX.

Roseira (2019, p. 156) observa que o Narrador onisciente de *O alienista*, em terceira pessoa, finge ingenuidade, como acontece também em *Memórias de um Sargento de Milícias*. A veracidade de uma narrativa é tanto mais relativizada, quanto

mais distante dos fatos estiver o Narrador. Chauvin observa que essa é a situação do Narrador em *O Alienista*; ele “não tem nome, profissão, idade, endereço ou vínculo afetivo com nenhuma das personagens. A voz narrativa apresenta-se de longe, implicitamente logo na primeira frase: ‘Dizem as crônicas da vila de Itaguaí...’” (CHAUVIN, 2001, p. 62). Às vezes, o Narrador afasta o leitor das personagens, intercalando os elementos narrativos: sumário e cena, onisciência e objetividade; “a matéria narrada aporta tanto personalidades e acontecimentos históricos quanto anedotas (CHAUVIN, 2001, p. 62).

Sendo a primeira obra a abordar o tema “hospício”, questiona o papel da psiquiatria na sociedade brasileira do seu tempo. Silva observa que o Autor percebia os abusos praticados neste campo, usando como base teórica o discurso científico. Enquanto ele escrevia os contos recolhidos em *Papéis Avulsos*, os intelectuais estavam preocupados em definir a “identidade” do povo brasileiro e cabia também à literatura e às demais artes, dar sua contribuição. O discurso científico era manipulado pelas autoridades estatais a fim de validar “políticas públicas inaceitáveis”, tais como a expulsão de certos moradores da Corte e a destruição de cortiços, deixando a “elite” fluminense da época, como “a feição do Brasil” (SILVA, 2014, p. 20-21).

Tendo como base o mesmo discurso científicista, circulava no Rio de Janeiro uma série de “remédios milagrosos”: fórmulas que curavam de todos os males. Silva observa que o Autor ironiza essas “novidades farmacêuticas” através do empasto de Brás Cubas, e em Simão Bacamarte, protagonista de *O alienista*, que buscava uma cura para todos os males mentais da humanidade (SILVA, 2014, p. 21).

Em *O alienista* encontramos características de três gêneros diferentes, a saber: novela, conto e crônica. A sua extensão, o estilo narrativo convergindo a um único ponto temático e a construção dos seus personagens parecem aproximá-lo da Novela. O Narrador lembra o leitor que está construindo sua história a partir de pequenas “crônicas de Itaguaí”, ora, esta reunião de pequenas histórias que convergem a um tema central também caracterizam uma Novela. Segundo Silva (2014, p. 25), portanto, a “confusão” parece ser uma “brincadeira” intencional de Machado, isto se enquadra no humor que marca o Narrador desde o início do texto.

Ainda segundo Silva (2014, p. 25), *O alienista* parece estar mais próximo da novela do que do conto, principalmente, considerando sua proximidade temática com *Enfermaria n° 6*, de Tchekhov, amplamente aceita como Novela, porém, não podemos ignorar que *O alienista* transita entre “conto e novela”.

Considerando a sua extensão e outras características, alguns críticos literários afirmam que *O alienista* é uma novela e não um conto; porém, devemos considerar que esta obra “não apresenta” as principais características de uma novela, a saber: vários enredos, pluralidade dramática, conectados entre si; enredo desenvolvido de maneira sequencial; o tempo é histórico, ou melhor, “determinado pelo calendário e pelo relógio”; espaço e tempo são indissociáveis; a linguagem tende a ser clara e objetiva, às vezes, variando de acordo com as “circunstâncias históricas inscritas na narrativa”; não há um limite de personagens, o Autor acrescenta ou retira personagens ao longo da trama; na novela, a narrativa é mais acelerada do que no romance; quanto ao foco narrativo, a linearidade da novela depende de um narrador onisciente, conhecendo todos os aspectos da narrativa.

Valendo-se de um narrador onisciente, Machado de Assis mostra e explora o comportamento humano além das aparências exigidas pelas convenções sociais,

expondo ironicamente a vaidade e o egoísmo humano de seus personagens. Gledson observa que o Autor, adoentado, pediu licença do seu trabalho no Ministério da Agricultura, no fim de 1878, e foi se recuperar em Nova Friburgo, por três meses; neste período, teria ditado alguns capítulos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ao longo da década anterior, Machado aproximara de seu objetivo de “escrever obras de ficção que fossem a um só tempo brasileiras e universais” (GLEDSON, 2014, p. 8).

Naquela década, o Brasil passava por muitas mudanças, e o escritor tinha que se adequar aos novos tempos. Gledson observa que, enquanto saía *O alienista*, na revista *A Estação*, Machado publicou *Teoria do medalhão*, na *Gazeta de Notícias*, colaboração igualmente extensa e importantíssima. Com a chegada do primeiro cabo submarino que conectou a Europa ao Brasil, as notícias chegavam em minutos: “uma espécie de globalização, de consequências profundas” (GLEDSON, 2014, p. 8-9).

O assim chamado “bando de ideias novas” que entrava no Brasil, por volta de 1870, inspirava em nosso Autor um “ceticismo intenso e permanente”; estas ideias novas eram “sistemas filosóficos, que pretendiam mapear e explicar a história, e muitas vezes pregavam um progresso permanente e inevitável” (GLEDSON, 2014, p. 9). Gledson observa que Machado não ignorava a importância das novas ideias; em seu ensaio *A nova geração*, 1879, escreve: “releiam os moços o seu Spencer e seu Darwin”, porém, não confiava nelas. *O alienista* é uma sátira a esses sistemas, “como o Humanitismo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e de *Quincas Borba*” (GLEDSON, 2014, p. 10).

Em um mundo que se moderniza literalmente “a todo vapor”, *O alienista* retrocede aos “tempos remotos”, final do período colonial brasileiro. Também *Memórias póstumas de Brás Cubas* retrocede ao Brasil anterior a 1850, “quando o comércio transatlântico de escravos e a própria escravidão estavam no seu auge”. Ao contrário, em 1880, observa Gledson (2014, p. 10), o movimento abolicionista já era uma força considerável.

Como veremos melhor, *O alienista* não só retrocede no tempo, mas também no espaço: “provincianiza-se, indo para a cidade de Itaguaí, setenta quilômetros a oeste do Rio de Janeiro” (GLEDSON, 2014, p. 10). Segundo Gledson, em *O alienista*, “é fácil pensar em possíveis modelos – a torre de Babel, talvez, o mito de Prometeu, ou mesmo a história de Fausto. Bacamarte quer atingir um conhecimento além dos nossos limites humanos, objetivo que só pode acabar em castigo e morte” (GLEDSON, 2014, p. 10-11). Porém, “o tom, e até a estrutura do conto, não apresenta nada de mito. Os personagens estão longe de ter essa dimensão, começando pelo próprio Bacamarte, que nem ostenta a dignidade meio absurda de Dom Quixote, por mais que seja comparado a ele (no fim do cap. III)” (GLEDSON, 2014, p. 11).

2 ESPAÇOS, TEMPO E AÇÃO

2.1. OS ESPAÇOS DE *O ALIENISTA*

Itaguaí, pequena vila, localizada a 70 km do Rio de Janeiro, foi escolhida por estar suficientemente distante da Corte e apresentar dimensões territoriais e populacionais reduzidas. A Casa Verde constitui, para aquela realidade urbana, uma obra faraônica. Notemos que “quatro quintos da população” foi encarcerado na “Bastilha da Razão Humana”, e no ápice da revolta dos Canjicas, liderada pelo barbeiro Porfírio,

Simão Bacamarte vai até a varanda da sua residência igualmente faraônica que tinha uma mesa de jantar com cinquenta cadeira; outra referência explícita a algo ainda mais faraônico será a residência de Mateus, que padecia de “amor das pedras”.

Chauvin (2021, p. 18) observa que o anônimo Narrador, que procura manter-se imparcial, atribui o nome “Casa Verde” à cor das suas janelas, novidade em Itaguaí. Se de um lado a cor “verde” representa “esperança”, de outro, simboliza imaturidade: a Casa Verde seria “um local de experiências, amadurecimentos”.

A Câmara de Vereadores, espaço que representa o poder da nobreza, é citada com maior frequência, uma vez que as principais decisões serão nelas adotadas ou aprovadas:

[...] vinda e instalação do médico alienista, construção da Casa Verde; cobrança de tributos a partir de cálculos sobre os penachos dos cavalos e, por fim, a entrega do vereador Galvão - séria ameaça de lucidez - devida ou indevidamente internado em seguida, para alegria de seus pares. (CHAUVIN, 2001, p. 19)

O espaço da “Câmara” expõe as “fragilidades ideológicas” dos atores da vida pública que agem em vista do bem-próprio, cujas motivações são interpretadas a partir da ótica cientificista do alienista Bacamarte: “Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos” (ASSIS, 2021, p. 24).

As ações de Bacamarte passam pela Câmara. Chauvin observa que, aqui, manifesta-se a ironia do Autor, pois, “os revolucionários, sob as ordens de Porfírio, utilizam o mesmo espaço físico, outrora reservado aos vereadores, a fim de oficializar suas reivindicações, revestindo-as de tom protocolar, manifesto pela carta de Porfírio aos itaguaienses” (CHAUVIN, 2001, p. 20).

A barbearia, outro espaço de grande relevância no Conto, é o espaço do vulgo, do povo. O barbeiro Porfírio, o Canjica, é porta-voz popular dos eventos que têm lugar em Itaguaí, principalmente os que se referiam à “Bastilha da razão humana” (CHAUVIN, 2001, p. 20).

Os barbeiros Porfírio, primeiro, e João Pina, depois, disputam o poder político de Itaguaí, com grande correspondência às sofisticadas intenções do alienista, contempladas pelo olhar atento de Padre Lopes, personagem que estabelece outras formas de conhecimento e poder: a Religião e a Tradição da Igreja. Segundo Chauvin, podemos identificar uma hierarquização, naquela sociedade, refletida de acordo com os espaços que hospedam a trama de *O alienista*:

A Casa Verde abriga os tratados como marginais; a residência de Simão e a Câmara de Vereadores reúnem, salvo exceções (por ocasião da revolta popular), pessoas dos altos escalões sociais, em cujas mãos está o destino dos supostos dementes e ajuizados do vilarejo. Quando invadida pelos revoltosos, a importância da Câmara se vê fortalecida: assume definitivamente o estatuto de território-máximo da autoridade política. No estágio imediatamente anterior, a barbearia assistira ao encontro e articulação dos revoltosos - parcela social menos privilegiada e mais enfurecida sob as ordens de um barbeiro com vistas ao posto de vereador. (CHAUVIN, 2001, p. 22)

Ainda devemos observar que o Narrador explora dois eventos, acontecidos na suntuosa casa de Bacamarte. Primeiro, no jantar de boas-vindas a D. Evarista, o Narrador informa as suas dimensões: sua mesa de jantar acomoda cinquenta convivas, número que coincide com as janelas laterais da Casa Verde. O lugar instiga Martim Brito, jovem de 25 anos, a um discurso para elogiar D. Evarista. Segundo, quando

Bacamarte se mostra na “varanda da frente”, para aplacar os revoltosos “canjicas” (CHAUVIN, 2001, p. 22).

A Casa Verde aparece como o espaço onde o “louco poderoso” trancafiava outros loucos também eles sedentos de poder. Chauvin observa que as exageradas proporções desse espaço, “refletem a autonomia exagerada do mantenedor, confirmando a importância dos espaços dentre os ingredientes narrativos” de *O alienista*: “Machado de Assis denuncia comicamente a maior atenção dos políticos a patologias mentais em lugar de discutir assuntos de maior prioridade” (CHAUVIN, 2001, p. 24).

2.2 O TEMPO DE *O ALIENISTA*

Se o tempo de *O alienista* não é “mítico”, seria algum tipo de “história”? Glebson situa *O alienista* no Brasil Colônia, com seus vice-reis; portanto, antes da chegada da família real e da abertura dos portos, 1808: “Estamos nos últimos anos do regime colonial, depois da queda da Bastilha (1789), o evento-símbolo da Revolução Francesa” (GLEDSON, 2014, p. 13). A revolução dos Canjicas dá uma forma ao processo político, que fornece uma espécie de estrutura à obra: “Além da queda da Bastilha, temos um “Terror” (como no “ano terrível” da tirania jacobina em 1793), e uma consequente “emigração” (cap. V), e até uma “Restauração” (cap. X), como em 1815, quando a família real francesa voltou ao poder” (GLEDSON, 2014, p. 13).

O alienista compartilha o cenário também com a Revolução inglesa: Porfírio chama a si mesmo, como Oliver Cromwell, de “Protetor”. Glebson (2014, p. 13) observa que no “mundo colonial, todo significado histórico vem de fora, da metrópole, e nada, o processo revolucionário inclusive, tem lógica interna, “independente”.” E conclui, “Não há resposta teórica à força bruta” (GLEDSON, 2014, p. 13). Os “tempos remotos” falam de um Brasil antes do Brasil, mas por “um homem do seu tempo e do seu país” (GLEDSON, 2014, p. 15).

O tempo da história narrada e o tempo de sua produção não é o mesmo. A narrativa tem início no final do século XVIII, nos anos posteriores a 1789, estendendo-se até o início do século XIX, durante um período de 15 anos aproximadamente. Werner e Saraiva observam que, considerando o período de sua primeira publicação, podemos situar sua produção no final da década de 1870 e início da década de 1880. A narrativa, por sua vez, ocorre em um período marcado pela falta de um poder centralizador, como podemos verificar pela falta de expressividade da Câmara Municipal de Itaguaí (WERNER; SARAIVA, 2017, p. 242).

A organização administrativa brasileira, em *O alienista*, representada pela Câmara Municipal, deixa-se controlar pelo cientificismo do Dr. Simão Bacamarte, dando ao alienista autoridade quase absoluta, revoltando alguns setores que arquitetam a deposição dos vereadores. Fausto observa que o Brasil setecentista carecia de um poder efetivamente aplicado: o Vice-rei representava a Coroa, os governadores eram autoridade máxima nas Capitânicas, porém, as Câmaras Municipais, constituídas por membros da sociedade, eram “controladas, sobretudo até meados do século XVII, pela classe dominante dos proprietários rurais e [...] seus interesses” (FAUSTO, 2012, p. 58).

O “filho de Pádua e Coimbra”, amigo de El-rei D. João (João VI, no Brasil), após completar seus estudos iniciais em medicina, volta a Itaguaí, depois casa-se com D. Evarista, viúva de 25 anos, e obtém o apoio da Câmara de Vereadores para a construção da “sua” Casa Verde. Emprega os familiares de seu aliado Crispim Soares e dedica

maior atenção aos seus estudos da mente humana; ocorre gradativo aumento de sua autoridade, sempre apoiada, pela Câmara de Vereadores de Itaguaí (CHAUVIN, 2001, p. 24).

O Narrador oferece-nos somente informações essenciais sobre o “ilustre médico”, focalizando a personagem central, enxugando os dados irrelevantes e situando o leitor para a narrativa mais detalhada que segue:

O estágio de Simão será marcado por sua própria reclusão no sanatório, após a libertação de todos os prisioneiros, devidamente submetidos a terapias específicas em favor da cura de cada um de seus vícios, convertidos em virtudes. Coroando suas firmes resoluções, o médico admite ser o único habitante da cidade a trazer características não extremadas. (CHAUVIN, 2001, p. 24)

D’Ambrósio observa que a “casa que abriga os loucos fica, significativamente, na Rua Nova, uma alusão às novas idéias naturalistas e científicas que procuravam desvendar, com lógica e raciocínio, o enigma da loucura”. Itaguaí aparece como “o microcosmo criado por Machado para desnudar aspectos do ser humano presentes em todas as cidades e países” (D’AMBRÓSIO, 1994, p. 115-121). Chauvin observa que Bacamarte não perde o caráter autoritário, porém, não é fruto de mera sede de poder ou renome; “agira à sua maneira em função de não ter encontrado resposta definitiva quando empregara outras hipóteses” (CHAUVIN, 2001, p. 24).

Barreto Filho comenta que o poder público

[...] sufoca as reações populares, em nome da ciência, aliando-se ao delírio raciocinante do sábio. A religião, encarnada na pessoa do Padre Lopes desempenha em vão o seu papel de lutar pelo bom senso, afrontando os excessos do racionalismo, mas a tragédia coletiva prossegue. [...] Quem conhece a nossa complacência por tudo o que se revista de uma aparência científica, a nossa facilidade em nos empenharmos em tentativas improváveis, quem observa a fragilidade de nossas resistências em face das teorias improváveis [...] em uma palavra, o nosso gosto pelas panacéias, sabe o que Machado de Assis queria estigmatizar na forma alegórica dessa novela. (BARRETO FILHO, 1947, p. 112-113)

Chauvin observa que o tempo (sete dias) para comemorar a inauguração da Casa Verde é narrado em poucas linhas, enquanto a revolta dos Canjicas, instigada por Porfírio, “bem como as discussões entre os vereadores, na câmara, ganham páginas” (CHAUVIN, 2001, p. 25). O Narrador deixa, assim, transparecer o seu gosto pelas intrigas provincianas. Através deste artifício narrativo, “ilustra-se na própria estrutura da história relatada que a rapidez na aprovação da construção do gigantesco sanatório, assim como a instalação do médico, reproduzem um dado genuinamente ‘brasileiro’”: “maior ou menor presteza dos políticos segundo o alvo de seus interesses” (CHAUVIN, 2001, p. 25). Tanto a fundação quanto a manutenção da Casa Verde foram aprovadas rapidamente pela Câmara de Vereadores; enquanto as tentativas de destituição do alienista, demandaram muito mais tempo, e os revoltosos tiveram que enfrentar o “corpo de dragões”, sacrificando onze vidas sem conseguirem abalar a autoridade e o poder da Ciência, personificada na personagem Bacamarte (CHAUVIN, 2001, p. 25-26).

O Narrador, por falta de “tempo, memória ou intenção”, não se detém em assuntos de outra natureza. Chauvin observa que a “reconstituição da história transcorrida em Itaguaí constitui-se de longos diálogos aparentemente de pouca

importância. A obstinação de Bacamarte vem retratada por narrativa enxuta cujo narrador não nos adianta assuntos se não os que estejam relacionados ao tema da loucura” (CHAUVIN, 2001, p. 26).

2.3 AÇÃO DE *O ALIENISTA*

A relação entre Simão Bacamarte e as demais personagens é plena de graves e hilários entraves; cheio de si e detentor do poder da Ciência, portanto da Verdade, “o cientista enfrenta a contrariedade da população” (CHAUVIN, 2001, p. 26). Chauvin observa que Bacamarte, paladino da ciência, está atrelado com as autoridades políticas de Itaguaí; procura obedecer a uma conjunção teoricamente impossível: “a razão, via ciência, através dos moldes europeus, e o conhecimento das mensagens de Alá, reforçadas pela filosofia de Averróis” (CHAUVIN, 2001, p. 26-27).

O leitor é levado pelo Narrador a relativizar a sabedoria de Bacamarte, considerando que seus procedimentos médicos são tão ambíguos quanto ambígua é a caracterização dos sujeitos bem-intencionados. Chauvin observa que os seus métodos científicos, abusivos, revelam na loucura uma desculpa para a conciliação dos contrastes: “Com exceção ao médico, as figuras constituem-se em tipos bastante definidos, marcados, planos, superficiais, previsíveis, convencionais, evocados por uma única frase ou referência” (CHAUVIN, 2001, p. 27).

De fato, a busca extrema de Bacamarte pela razão o leva à loucura; com Santos podemos concluir que “a fronteira entre o normal e o anormal” é frágil, e que “a loucura atrela-se ao exagero do homem dentro das características que englobam sua personalidade” (SANTOS, 2021, p. 17). O próprio Simão Bacamarte, define sua busca pela razão: “O principal nesta minha obra [...] é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificá-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.” (ASSIS, 2021, p. 24)

3 RESUMO DE *O ALIENISTA*²

No capítulo, *De como Itaguaí ganhou uma Casa de Orates*, Dr. Simão Bacamarte, “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas”, extremamente dedicado à ciência, chega a Itaguaí com 34 anos e, aos 40, casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, viúva de 25 anos (ASSIS, 2021, p. 19). Além de seus atributos fisiológicos perfeitos para dar-lhes filhos saudáveis, sua carência de beleza evitaria que Bacamarte se distraísse de suas pesquisas ao contemplá-la.

Bacamarte se interessa pelo “exame de patologia cerebral” (ASSIS, 2021, p. 20), propondo à Câmara de Vereadores a instalação de uma casa de curas mentais – casa de orates – que reuniria todos os loucos para tratamento. Até então, os doentes mentais mais violentos eram enclausurados em seus quartos e os mais calmos viviam livres pelas ruas: “A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico” (ASSIS, 2021, p. 21). Padre Lopes tentou convencer D. Evarista a levar Bacamarte ao Rio de Janeiro,

para se distrair, mas a mulher não teve sucesso (ASSIS, 2021, p. 21). Após conseguir aprovação e verbas da Câmara de Vereadores, Bacamarte inaugurou a Casa Verde, primeiro hospício da região, com uma festa que durou 7 dias (ASSIS, 2021, p. 23).

No segundo capítulo, *Torrentes de loucos*, Bacamarte compartilha ao seu amigo, o boticário Crispim Soares, que via em sua ação um toque divino de caridade que ampliava suas possibilidades de estudos científicos. Em 4 meses, a Casa Verde era uma “povoação” (ASSIS, 2021, p. 24). Bacamarte dedicava-se a estudar a fundo cada transtorno, classificando-os e aplicando-lhes terapias (ASSIS, 2021, p. 28).

No terceiro capítulo, *Deus sabe o que faz!*, D. Evarista sente-se abandonada pelo marido; então, para agradá-la, Bacamarte sugeriu que ela fosse ao Rio de Janeiro, a passeio. De um lado, ela ficou animada, de outro, preocupada com as despesas, então Bacamarte revelou a fortuna que havia acumulado com a renda da Casa Verde; D. Evarista “respondeu com muita resignação: - Deus sabe o que faz!” (ASSIS, 2021, p. 31).

No quarto capítulo, *Uma teoria nova*, depois de 3 semanas da partida da esposa, Bacamarte manda chamar Crispim Soares: seus estudos com os doentes mentais o levaram a concluir que a loucura era muito mais abrangente do que parecia e que só poderiam ser considerados sãos aqueles que não têm absolutamente nenhum desvio de comportamento (ASSIS, 2021, p. 34); explica sua missão e conclui: “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia” (ASSIS, 2021, p. 36).

No quinto capítulo, *O terror*, “um certo Costa fora recolhido à Casa Verde” (ASSIS, 2021, p. 38); homem considerado saudável por todos que o conheciam. Costa herdou grande fortuna e emprestou sem juros a “todos”, ficando na miséria por não receber devolução e perdoando a muitos devedores. Tal comportamento, segundo Bacamarte, era sintoma de desequilíbrio mental. A prima do Costa, ao saber do ocorrido, procurou Bacamarte e argumentou que o problema era causado por uma “maldição” lançada ao seu tio, de quem Costa recebera a herança (ASSIS, 2021, p. 41). Diagnosticando a crença da mulher como prova de insensatez, Bacamarte “encerrou-a na galeria dos alucinados” (ASSIS, 2021, p. 41).

Este e outros fato fizeram com que os ânimos da população se alterassem: diziam que a Casa Verde era “cárcere privado”, levantavam suspeitas de que Bacamarte fazia as internações por interesses próprios, sem considerar realmente as patologias cerebrais: “A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica” (ASSIS, 2021, p. 44). Nesse contexto agitado, D. Evarista retorna do Rio de Janeiro, “contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde” (ASSIS, 2021, p. 45), mas ela apoiava o marido e confiava na ciência, na qual ele se fundamentava (ASSIS, 2021, p. 46).

No sexto capítulo, *A rebelião*, o barbeiro Porfírio, conhecido como “Canjica”, liderou uma revolta contra o alienista: “Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à Câmara” (ASSIS, 2021, p. 51). Porém, somente Sebastião Freitas, um dos vereadores, sentiu-se convencido quando Porfírio chamou a Casa Verde de “Bastilha da razão humana” (ASSIS, 2021, p. 52), expressão de um poeta local, que se torna o *slogan* da revolta, que já contava com 300 apoiadores: “Morra o Dr. Bacamarte!!!” (ASSIS, 2021, p.53). “Abaixo a Casa Verde! bradavam os Canjicas” (ASSIS, 2021, p. 55). Simão Bacamarte, calmamente, caminha para a varanda da frente e toma a palavra: “Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade” (ASSIS, 2021, p. 55). Quando Porfírio estava para ordenar o ataque

final, deteve-os “um corpo de dragões que, a marche-marche, entrava na Rua Nova” (ASSIS, 2021, p. 57).

No sétimo capítulo, *O inesperado*, com a chegada dos “dragões”, houve um instante de estupefação (ASSIS, 2021, p. 58). O barbeiro Porfírio incitou a população, mas os dragões atacaram os revoltosos canjicas, alguns escaparam, 11 morreram ou 25 caíram feridos. Quando a “revolução” parecia vencida, “um terço dos dragões [...] passou subitamente para o lado da rebelião” (ASSIS, 2021, p. 58). Os dragões não aceitaram de atacar seus próprios companheiros de armas; então, o capitão “declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro” (ASSIS, 2021, p. 59). Valendo-se do novo cenário, Porfírio conduz os revolucionários triunfantes à “Câmara do Povo”, e oficializa sua tomada do poder público na vila de Itaguaí. Nomeia-se “O Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo” (ASSIS, 2021, p. 60), com amplo apoio popular e institui aquela data como novo feriado.

No oitavo capítulo, *As angústias do boticário*, Crispim, amigo e braço direito de Bacamarte, sabendo que Porfírio se dirigia à casa do alienista, entrou em pânico. Então decidiu declarar seu apoio a Porfírio, dirigindo-se ao “Palácio do Governo”, novo nome da Câmara de Vereadores.

No nono capítulo, *Dois lindos casos*, diante da visita de Porfírio, Bacamarte estava pronto a se entregar, porém, o novo governante de Itaguaí somente pediu que alguns dos loucos fossem libertados para atender aos anseios populares, pois era necessário manter a ordem pública: segundo ele, bastavam os mortos e os feridos durante a revolução. Bacamarte analisa o cenário e se encanta com “dois lindos casos” de demência: o primeiro, do Porfírio que muda suas convicções tão rapidamente; o segundo, da população revoltosa que sacrificou 11 dos seus e feriu outros 25 (ASSIS, 2021, p. 68).

No décimo capítulo, *Restauração*, em somente 5 dias, “o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo” (ASSIS, 2021, p. 69): grande manifestação de poder. A população indignou-se; o governo não sabia reagir: “João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava ‘vendido ao ouro de Simão Bacamarte’, frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. [...] João Pina assumia a difícil tarefa do governo” (ASSIS, 2021, p. 69).

Vindo a saber o que se passava em Itaguaí, o Vice-rei enviou uma força com a missão de restabelecer a ordem pública. A Câmara foi restabelecida e o Alienista adquiriu ainda mais poderes que antes da revolução de Porfírio e da contrarrevolução de João Pina. Bacamarte internou Porfírio, o vereador Sebastião Freitas e até mesmo seu amigo, o boticário Crispim, por causa de sua traição: “Tudo era loucura” (ASSIS, 2021, p. 71). Essa caça aos loucos resultou na internação de D. Evarista, esposa de Bacamarte, porque não se decidia “entre um colar de granada e outro de safira” (ASSIS, 2021, p. 72-73).

No décimo primeiro capítulo, *O assombro de Itaguaí*, a vila é tomada de assombro geral e alegria por parte dos familiares dos internos ao saber que Bacamarte oficiou à Câmara que colocaria em liberdade todos os “loucos” da Casa Verde (ASSIS, 2021, p. 74-75). O alegre assombro geral fez com que a população, que festejava a liberdade dos loucos e aparente derrota de Simão Bacamarte, não prestasse atenção à frase final do parágrafo 4º, do ofício, as suas reais intenções.

No décimo segundo capítulo, *O final do parágrafo 4º*, ficam claras as reais intenções de Bacamarte; o 4º parágrafo de seu ofício pressupunha a nova conceituação

de loucura, contida no parágrafo 3º: “a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto” (ASSIS, 2021, p. 74).

A Câmara adotou “sem debate uma postura, autorizando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais” (ASSIS, 2021, p. 77). Estabeleceu também de que a autorização era provisória: “limitada a um ano” (ASSIS, 2021, p. 77). Ainda incluiu uma cláusula de que os vereadores não fossem internados, porém, Galvão, tendo sido contrário a essa medida, foi o primeiro a ser internado, por manifestar excessivo equilíbrio. Seguiu-o Padre Lopes e a esposa do boticário Crispim. Um cidadão procurou Bacamarte para alertá-lo do perigo que o Alienista corria, porém, tendo sido diagnosticado como extremamente sensato, foi internado também (ASSIS, 2021, p. 79-80). Alguns principais de Itaguaí procuraram Porfirio e lhe prometem apoio, dinheiro e influência junto à Corte para que liderasse uma nova revolução contra a Câmara e o Alienista; Porfirio não aceita a proposta; por essa atitude tão equilibrada, Porfirio é novamente recolhido à Casa Verde (ASSIS, 2021, p. 81).

No décimo terceiro capítulo, *Plus ultra!*, tendo sido prorrogada a sua licença por mais 6 meses, Bacamarte se empenhou em terapias para curar seus internos, levando-os a “desequilíbrios” psíquicos (ASSIS, 2021, p. 82), ou seja, “Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo” (ASSIS, 2021, p. 83). Após 5 meses e meio, a Casa Verde estava novamente vazia; então, o Alienista, depois de muita cogitação, concluiu que “os cérebros bem organizados que ele acabava de curar, eram desequilibrados como os outros. [...] não havia loucos em Itaguaí. Itaguaí não possuía um só mentecapto” (ASSIS, 2021, p. 86).

Simão Bacamarte “achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto” (ASSIS, 2021, p. 86). Duvidando de seu prognóstico, chegou a concluir que era uma ilusão; mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um “conselho de amigos”, a quem interrogou com franqueza: “A opinião foi afirmativa” (ASSIS, 2021, p. 87).

Bacamarte não aceitou o diagnóstico dos amigos; ao que padre Lopes toma a palavra: “Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: - a modéstia” (ASSIS, 2021, p. 87). O alienista “curvou a cabeça [...] mais alegre do que triste”, recolheu-se à Casa Verde, dizendo: “A questão é científica [...]; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática” (ASSIS, 2021, p. 87). Bacamarte entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo: morreu dezessete meses depois, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar a “cura”: um boato “duvidoso”, atribuído ao Padre Lopes, dizia que “nunca houve outro louco além dele

em Itaguaí” (ASSIS, 2021, p. 88).

4 PODER, RAZÃO E RELIGIÃO

4.1 “BASTILHA DA RAZÃO HUMANA”

Um poeta local chamou a Casa Verde de “Bastilha da razão humana” (ASSIS, 2021, p. 52), comparando-a à prisão-fortaleza, situada em Paris, para onde eram mandados os inimigos da Coroa, cuja queda se tornou o símbolo maior da Revolução Francesa, 1789. O barbeiro Porfírio, adotou essa expressão como *slogan* de sua revolução (ASSIS, 2021, p. 53). Werner e Saraiva observam que, assim “como a Bastilha era o símbolo do absolutismo monárquico, a Casa Verde é o símbolo da prepotência da Ciência, representada, na obra, pela figura do protagonista, Simão Bacamarte”. Machado critica a filosofia positivista “que entendia o conhecimento científico como única forma de conhecimento verdadeiro” (WERNER; SARAIVA, 2017, p. 243).

Segundo Werner e Saraiva (2017, p. 243), os “ideais que levaram à revolução dos Canjicas são comparados ao fundamento ideológico da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade”. Machado denuncia a submissão brasileira ao conhecimento político-filosófico europeu e às ideias liberais que levaram à Revolução francesa, evidenciando a “falta de erudição do povo brasileiro que se deixa levar por líderes cativantes que, uma vez no poder, não adotam a ideologia que pregavam ao início de sua revolta” (WERNER; SARAIVA, 2017, p. 243).

O Narrador também se remete à figura do imperador Napoleão Bonaparte: após o Vice-rei restabelecer a ordem em Itaguaí, Porfírio desiste de uma terceira revolta querida pelos “principais da vila”, pois havia “‘provado tudo’, como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma cousa, porque Napoleão não provou a Casa Verde” (ASSIS, 2021, p. 76). Boris Fausto considera que, remetendo-se à Revolução Francesa, o Machado presentifica a Inconfidência Mineira e denuncia a instabilidade política no Brasil, pois “as últimas décadas do século XVIII são uma referência para indicar um conjunto de transformações na ordem mundial e nas colônias, que dão origem à crise do sistema colonial e aos movimentos pela independência” (FAUSTO, 2012, p. 38). Machado alerta para os perigos da modernização desenfreada, fazendo uma crítica ao cientificismo, personificado em Bacamarte, e à sua pretensa universalidade (WERNER; SARAIVA, 2017, p. 246).

Ivan Teixeira inova ao considerar como tema central de *O alienista* a “questão” entre a Igreja (“Altar”) e o Estado (“Trono”) e não a loucura, como é costumeiramente considerada pela crítica literária. Silva observa que esta posição de Teixeira se baseia na consideração dos personagens como sendo “caricaturas de autoridades políticas, científicas e religiosas” (SILVA, 2013, p. 272). Silva observa ainda que Bacamarte também pode ser correlacionado a D. Pedro II, por causa de seu empenho em trazer a Ciência para a administração do Brasil: “Além desta correlação entre personagens literárias e personalidades histórico-político-religiosas, cuida de registrar o emprego da linguagem historiográfica [...], remetendo, desta forma, antes à Questão Religiosa do que à problemática da loucura” (SILVA, 2013, p. 272).

Teixeira observa que o tema da loucura é adotado como “instrumento de sátira à ciência do século XIX, mais especificamente ao cientificismo de orientação positivista”, “é possível supor que a denúncia irônica da ciência e a investigação humorística da loucura exercem função subsidiária em argumento mais abrangente” (TEIXEIRA, 2008, p. 149). Esta hipótese de leitura possibilita o “entendimento do texto como imitação burlesca da história do mundo, particularizada no pastiche do processo de hierarquização de uma pequena cidade do interior do Brasil” (TEIXEIRA, 2008, p. 149). Portanto, apoiado no “motivo” da loucura, o tema central do Conto é a “disputa pelo poder, e não propriamente o exame de uma situação de força previamente estabelecida” (TEIXEIRA, 2008, p. 149-150).

Incorpora-se a “loucura” como condição prévia para se discutir o exercício do poder, principalmente a “constituição da autoridade”. Considerando a sátira, característica marcante de *O alienista*, convém reconhecer e analisar diversas caricaturas no texto: “contra a autoridade religiosa, contra a autoridade médica, contra a autoridade política e contra o desejo de autoridade popular” (TEIXEIRA, 2008, p. 150). Encontramos ainda uma “denúncia irônica” do suposto abandono das virtudes e da “adesão generalizada ao erro” (TEIXEIRA, 2008, p. 150).

Em *O alienista*, a Casa Verde não representa somente o triunfo da “racionalidade científica”, mas podemos identificar nela o “ideal de modernização” de Itaguaí por meio da ciência médica. Bacamarte, o alienista, preterindo os corpos pelas almas da população, “encarnaria um grau avançado da suposta evolução do pensamento científico” (TEIXEIRA, 2008, p. 151).

4.2 RELIGIÃO X ESTADO

O alienista é, segundo Teixeira (2008, p. 158), “uma caricatura específica dos desentendimentos do clero com o Estado, ocorridos no Brasil entre 1872 e 1875”. Na sua trama, a Igreja vigia e procura orientar os “movimentos de Simão Bacamarte”, que “será um dos enigmas da narrativa, que, em meio ao crescente prestígio da ciência, como que esconde a camaleônica autoridade da Igreja sobre aquela”. Esta autoridade se manifesta quando Padre Lopes pronuncia seu veredicto sobre a “insanidade” de Simão Bacamarte (ASSIS, 2021, p. 87).

Bacamarte impõe-se como o mais elevado grau de racionalidade civil, sendo, assim, metáfora de D. Pedro II, como já visto, mas também do governo ilustrado da Razão humana: a face cômica do médico alienista “decorre do exagero da convicção no poder moderador do juízo, propriedade que, não obstante, o torna o primeiro e único na cidade” (TEIXEIRA, 2008, p. 158).

Teixeira observa que Padre Lopes pode ser interpretado como a “encarnação das infiltrações dos arranjos de corte e do suposto bom senso, orientados para o controle disfarçado da população”. Machado, além de caricaturar a disposição da Igreja ao comando, ironiza “os artificios empregados para dissimular essa mesma disposição” (TEIXEIRA, 2008, p. 158).

Merece destaque, nessa polêmica relação entre “Altar” versus “Trono”, o item IV do *Syllabus*, no qual eram condenados o “Socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas, sociedades clérigo-liberais” (PIO IX, 1864)³, que são chamados de “pestilências”. No Brasil, esta condenação atingiu peculiarmente a Maçonaria, enquadrada no *Syllabus* enquanto “sociedade secreta”. Dom Vital de Oliveira, Bispo de

Olinda-PE, querendo aplicar as condenações, proibiu a presença dos maçons nas irmandades religiosas, tendo sido seguido por Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo de Belém-PA. Essa tensão nas relações entre “Altar-Trono”, ficou conhecida no Brasil como “questão religiosa”, na década de 1870, tornando-se grave questão de Estado (VASCONCELOS; ALMEIDA; VIANA, s.d.).

Teixeira (2008, p. 158) observa que a *Constituição Política do Império do Brasil*, 25 de março de 1824, que em seu art. 5º afirmava que “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império”, regulava as relações entre a Igreja e a Coroa através do “Padroado”; os Clérigos eram funcionários do Estado, devendo obediência ao Imperador.

Ora, a primeira manifestação contrária ao trabalho “científico” de Bacamarte veio exatamente de Padre Lopes, interpretando o seu projeto como fruto de “juízo” virado (ASSIS, 2021, p. 21). A autoridade da Igreja se manifesta novamente: Bacamarte, sendo “grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem” (ASSIS, 2021, p. 22). Ele gostou dessa “ideia” que lhe pareceu “bonita e profunda”, e a “fez gravar no frontispício da casa”, mas por medo do vigário e do bispo, a atribuiu a Benedito VIII⁴ (ASSIS, 2021, p. 22-23). Segundo Teixeira, instaura-se, assim, “definitivamente a tópica do debate entre a ciência e a teologia, que se particulariza na alusão específica do caso brasileiro” (TEIXEIRA, 2008, p. 160).

4.3 RAZÃO E PODER

O segundo elemento para uma reconstituição do “universo” referencial de *O alienista* é o “debate em torno do conceito de loucura” (TEIXEIRA, 2008, p. 163), que adquire grande evidência no Brasil, sobretudo, a partir da sistematização da psiquiátrica brasileira, ocorrida a partir da criação do *Hospício de Pedro II*, inaugurado no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1852, com a presença do Imperador e sua comitiva, bem como outras autoridades da época; é primeiro hospital psiquiátrico do Brasil e o segundo da América Latina; trinta anos antes da publicação de *O alienista*.

Teixeira (2008, p. 163) observa que, através deste manicômio, o Governo imperial pretendia passar ao mundo uma imagem de “modernidade administrativa e interesse social”, implantando na Corte “o sistema terapêutico francês, tido como moderno desde o final do século XVIII”; adotando uma doutrina terapêutica fundada no método de Filipe Pinel (1745-1826) e Dominique Esquirol (1772-1840). Estes “alienistas” se tornaram famosos na Europa por valorizarem a observação estatística de pacientes e por defenderem a hipótese da “loucura como doença”, e não como “danção incurável”.

Segundo Alfredo Bosi, da “ilustração europeia” Machado “extraiu menos a crença no progresso da razão do que a suspeita bem voltairiana de que os homens de todas as épocas foram vítimas complacentes das suas ilusões e de toda sorte de paixões cristalizadas em um conceito que é, ao mesmo tempo, natural e social: o interesse” (BOSI, 2003, p.28-29).

Na narrativa da comemoração de inauguração da Casa Verde, que durou 7 dias (ASSIS, 2021, p. 23), Teixeira (2008, p. 163) identifica uma mimetização estrutural e intencional do grande evento imperial de inauguração do *Hospício de Pedro II*. Destaque-se, em modo especial o “carinho paternal” e a “caridade cristã”, evidenciados

pelo Narrador. A loucura é identificada pelo seu oposto, pode ser definida por oposição e contraste à razão (ASSIS, 2021, p. 34). Teixeira ainda observa que outro “conceito de loucura não se define em termos explícitos” em *O alienista*, mas podemos “supor uma lógica da nova modalidade de demência, que se funda, não mais em manifestações de patologia cerebral, mas no desrespeito aos princípios éticos consensualmente admitidos como ótimos na cultura ocidental” (TEIXEIRA, 2008, p. 164-165)

Em *O alienista* também é ridicularizada a noção de “levante popular, incorporado ao discurso historiográfico brasileiro por ocasião das revoltas do Período Regencial e do início do governo de Pedro II” (TEIXEIRA, 2008, p. 165). No Conto, não existe um pensamento sistemático e definitivo sobre nenhum dos levantes populares, porém, segundo Teixeira (2008, p. 165), é demonstrável que a Revolta dos Canjicas “satiriza alguns aspectos comuns não propriamente a esses movimentos, mas aos textos que deles se formaram na historiografia do Segundo Reinado”. O Conto não desqualifica a noção de “revolução política em si”, porém, insinua que uma revolução só se justifica pela sua “necessidade”: “Casa Verde – ‘essa Bastilha da razão humana’” (ASSIS, 2021, p. 52).

Teixeira (2008) observa que essa e outras “frases de efeito” mimetizam humoristicamente a “suposta eficácia dos clichês na comunicação popular”. No capítulo IV, o Narrador ironiza a carência de motivação histórica da revolução dos Canjicas: ao “comparar a marcha dos Canjicas com a Revolução Francesa, a voz narrativa, [...] parece sugerir que a representatividade numérica deve ser imprescindível ao conceito de movimento popular” (TEIXEIRA, 2008, p. 167). De fato, os líderes da revolta dos Canjicas se movem pela vaidade do poder (ASSIS, 2021, p. 56 e 59), sem nenhuma defesa de princípios ou de causas altruísticas; nem mesmo cogitam se prepararem para o exercício do Poder; transitando “da navalha à espada com a leveza dos tipos cômicos de farsa popular” (TEIXEIRA, 2008, p. 167).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos condensar alguns pontos que ficaram evidentes na presente análise sobre as relações envolvendo o Poder, a Razão e a Religião, em *O alienista*. A Casa Verde, “Bastilha da razão humana”, simboliza a prepotência da Ciência, personificada no personagem Simão Bacamarte, o alienista. O Autor criticou a filosofia positivista, que apresentava o conhecimento científico como única forma de verdadeiro conhecimento.

Os ideais motores da revolução dos Canjicas são comparados àqueles da Revolução Francesa, 1789: liberdade, igualdade e fraternidade. Desta forma, o Autor denunciou a submissão brasileira ao conhecimento político-filosófico europeu e às ideias liberais que levaram à Revolução Francesa, evidenciando que o Povo brasileiro se deixa levar por líderes inescrupulosos; e alerta para os perigos da modernização desenfreada, fazendo uma crítica ao cientificismo e à sua pretensa universalidade.

O tema de *O alienista* é a questão entre a Igreja (Altar) e o Estado (Trono) e não a loucura, como é costumeiramente considerada pela crítica literária; considerando que as personagens são “caricaturas” das autoridades políticas, científicas e religiosas: relação entre Poder, Razão e Religião. Ainda, o tema da “loucura” é adotado por Machado como instrumento de sátira e crítica ao cientificismo positivista do século XIX. A “denúncia irônica da ciência e a investigação humorística da loucura exercem função subsidiária” (TEIXEIRA, 2008, p. 149) ao tema do Poder estatal e religioso.

O alienista, portanto, vai interpretado “como imitação burlesca da história do mundo” (TEIXEIRA, 2008, p. 149), mimetizada nas relações de poder de uma pequena cidade do interior brasileiro. Assim, o tema central é a “disputa pelo poder”, portanto, a Casa Verde não representa somente o triunfo da “racionalidade científica”, mas o “ideal de modernização” de Itaguaí por meio da ciência médica. *O alienista* é uma caricatura da famosa “questão religiosa” entre a Igreja e o Estado Brasileiro, no século XIX.

Simão Bacamarte personifica o governo ilustrado da Razão humana; Padre Lopes, a Igreja que busca poder também na esfera temporal; instaurando-se, assim, a “tópica do debate entre a ciência e a teologia” (TEIXEIRA, 2008, p. 160). *O alienista* ridiculariza a noção de “levante popular”; sem desqualificar a noção de “revolução política em si” (TEIXEIRA, 2008, p. 165): insinua que essa só se justifica pelas suas motivações. Os líderes dos revoltosos de Itaguaí se moveram pela vaidade do poder, sem nenhuma defesa de princípios ou de causas altruístas, nem interesse pelo bem comum.

REFERÊNCIAS

- BARRETO FILHO. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis, o enigma do olhar*. São Paulo: editora Ática, 2003.
- CHAUVIN, Jean Pierre. *Construção e implicações dos contrastes em 'O Alienista', de Joaquim Maria Machado de Assis*. Dissertação USP, 2001. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-04092002-134358/pt-br.php> Acesso em: 11.07.2022.
- DOM PEDRO PRIMEIRO. *Constituição Política do Império do Brazil*, 25 de Março de 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm Acesso em: 26.07.2022.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- FRANCA, Sandra Mara da Silva. *Machado de Assis: uma edição crítica de “O Alienista”*. Dissertação USP, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24012014-111506/publico/2013_SandraMaraDaSilvaFranca.pdf Acesso em: 13.07.2022.
- GOMES, Roberto. *O Alienista: loucura, poder e ciência*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 145-160, 1993 (editado em nov. 1994). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84953/87681> Acesso em: 12.07.2022
- GLEDSOON, John. *Introdução*. In: ASSIS, de Machado. *O alienista*. São Paulo: Companhia das letras, 2014, p. 07-15.
- Machado de Assis*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis> Acesso em 15.07.2022.
- PIO IX, Enciclica *Quanta Cura*, 8 dicembre dell’anno 1864. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html> Acesso em: 24.07.2022.
- SILVA, Flavia Cristina Aparecida. *A construção da identidade em Machado de Assis e Tchekhov*. Dissertação USP, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-07012015-124240/pt-br.php> Acesso em: 11.07.2022.
- SILVA, Ricardo Gomes da. “O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em *O Alienista*”. Resenha de: TEIXEIRA, Ivan. O Altar & o Trono: Dinâmica do Poder em *O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial/ Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. 432 p. E-escrita, v. 4, 2013.1. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/download/579/pdf_358 Acesso em: 13.07.2022.
- TEIXEIRA, Ivan. “Irônica invenção do mundo: uma leitura de *O Alienista*”. *Revista USP*, São Paulo, n.77, p. 149-169, março/maio 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13663/15481> Acesso em: 13.07.2022.
- VASCONCELOS, Zacarias de Góes e; ALMEIDA, Cândido Mendes de; VIANA, Antônio Ferreira. *A questão religiosa*. s.d. Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/grandes-causas/a-questao-religiosa> Acesso em: 13.07.2022.
- WERNER, Juliana Lamera; SARAIVA, Juracy Ignez Assmann. “Importância da intertextualidade nas malhas de *O Alienista*”. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 11, n. 1, p. 239-256, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/>

linguagens/article/download/5411/3568/ Acesso em: 13.07.2022.

NOTAS

126

1 Esses dados biográficos estão no site da Academia Brasileira de Letras: *Machado de Assis*. Disponível em: Acesso em 15.07.2022

2 Para um resumo crítico, sugerimos a leitura de FRANCA, 2013, p. 62-105.

3 Tradução minha do texto oficial em italiano.

4 Papa Bento VIII governou a Igreja de 18 de maio de 1012 até sua morte em 9 de abril de 1024.